

## O APAGAMENTO DAS MULHERES EDITORAS

Ana Elisa RIBEIRO\*

RUIZ, Juan Cruz. **Por el gusto de leer**. Beatriz de Moura, editora por vocación. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tusquets Editores, 2015.

Muito da história editorial brasileira, seja em que nicho for, ainda carece de registro e de narrativas mais justas. No projeto de pesquisa intitulado “Mulheres que editam: um mapeamento preliminar no Brasil”, em execução no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), estamos em busca de narrativas que possam registrar, com maior justiça, a história das mulheres no campo da edição, especialmente as que atuaram e atuam em posições de liderança, decisão e como propriamente “editoras”, e mais especialmente no campo literário. A tarefa não tem sido fácil.

Na busca por obras publicadas que possam narrar a história de mulheres na edição literária, por exemplo, verificamos que os livros inexitem, podendo dar a impressão errônea de que essas personagens também não existiram. No entanto, em raríssimas linhas de seu colossal *O livro no Brasil*, Laurence Hallewell menciona, apenas ligeiramente, algumas mulheres que fizeram parte da história editorial do país, como é o caso de Rose Marie Muraro (falecida em 2014, aos 84 anos) e colaboradoras, fundadoras da editora Rosa dos Tempos, há vários anos selo do grupo Record, reativado muito recentemente, em 2018. A editora original foi fundada no início dos anos 1990. Há nomes sequer mencionados por Hallewell, como o de Zaidé Lupinacci Muzart (falecida em 2015), da editora Mulheres, fundada em 1995, em Florianópolis, cuja história padece ainda de ter ocorrido fora do autocentrado eixo Rio-São Paulo. Na mesma década, também é fundada por Ivana Jinkings a editora Boitempo, em atuação até hoje, assim como a Autêntica de Rejane Dias, fundada em 1997. Pode-se falar também em Isa Pessoa, fundadora da extinta Foz e com longa carreira na Objetiva, atualmente diretora editorial do selo Tordesilhas, selo literário da Alaúde; e em Eliana Sá, fundadora da Sá Editora,

---

\* CEFET-MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – Belo Horizonte –MG – Brasil. 30.421-169 – anadigitalpro@gmail.com.

em 2000, entre outras. Enfim, são cinco exemplos relevantes de uma trilha que certamente nos levará a mais mulheres editoras.

Na senda desta pesquisa, sabendo da raridade dos registros em livro da história dessas mulheres (o que não ocorre a muitos editores homens, como sabemos) é que chegamos à obra *Por el gusto de leer*, publicada pela editora espanhola Tusquets, dirigida por Beatriz de Moura, importante editora de origem brasileira. Não se trata, evidentemente, de uma obra que possa ser considerada a narrativa da história editorial de uma brasileira, propriamente (embora ela seja nascida no Rio de Janeiro), mas pode nos tocar, de alguma maneira.

O livro consiste, em sua maior parte, em uma entrevista de Beatriz de Moura, fundadora e editora da Tusquets, ao jornalista e ex-editor da Alfaguara Juan Cruz Ruiz. Além da longa conversa entre ambos, o jornalista assina uma Introdução, na qual explica as razões de ter escrito o livro. Também são parte da obra duas conferências de Beatriz de Moura em universidades espanholas e muitas fotografias de arquivo que ajudam a recompor os quase 50 anos da casa editorial, hoje um dos selos do grupo Planeta.

A maior parte de *Por el gusto de leer* está, então, dedicada à voz de Beatriz, que trata quase unicamente de sua trajetória profissional, desde o momento em que trabalhava, muito jovem, na editora Lumen, dirigida pela também editora Esther Tusquets, de rica família catalã, até os anos 2000, quando decide deixar a direção de sua editora, perto dos 73 anos de idade. Defensora da vocação de editor, do amor pela leitura e da literatura dos grandes autores, Beatriz publicou, ao longo de mais de 40 anos de profissão, autores como E. M. Cioran e Ernst Jünger, entre outros dedicados à filosofia e outras ciências humanas, mas também constituiu um dos mais relevantes catálogos de literatura de nosso tempo, apostando em autores como Woody Allen e Milan Kundera e em hispano-americanos como o colombiano Gabriel García Márquez, o peruano Mario Vargas Llosa e o cubano Leonardo Padura.

*Por el gusto de leer* é dividido em três partes (com muitas subdivisões conforme o tema principal da conversa entre a editora e Juan Ruiz), além da Introdução assinada pelo jornalista e dos apêndices, que são as conferências: “Cómo se hace una editorial”, proferida no curso El Escorial, em 2003, e “Desde aquí y ahora, y hacia delante y hacia atrás”, para o mestrado em Edição da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, em 2013, quando ela já contava 74 anos.

Beatriz de Moura revela, com bastantes detalhes, o momento de fundação de sua editora, ainda com o marido, o arquiteto Oscar Tusquets (daí o nome da casa), passando pela constituição lenta e cuidadosa de seu catálogo, as redes sociais que a aproximaram de autores hoje conhecidos, as apostas em obras ainda iniciais de autores jovens, as negociações em feiras, as traduções adquiridas, entre outros elementos que tornaram a Tusquets Editores um dos grupos mais respeitados e galardoados da Espanha e da Europa, especialmente por seu capital simbólico

acumulado. Em dado período dessa trajetória, o companheiro de Beatriz passa a ser Antonio López Lamadrid, com quem ela estabelece uma parceria excepcional, inclusive profissionalmente, até a morte dele, em 2009.

Considerada uma executiva de pulso firme, Beatriz de Moura, em diversas partes de sua entrevista, expõe suas ideias sobre autores, literatura, leitura e o ofício de editor, tocando inclusive em aspectos das tecnologias digitais, que, segundo ela, roubaram um dos pontos mais rentáveis da edição de livros: o entretenimento. No entanto, de Moura não parece uma figura avessa a mudanças.

Em uma de suas falas, ela afirma sobre o que gostaria que ocorresse no mercado editorial:

Que se possa voltar a pagar bem a um escritor, que se possa pagar bem a um tradutor, a leitores de confiança, a revisores de confiança e assim em diante. Que se possa voltar a compor um catálogo atraente e coerente. Que haja leitores suficientes para que a venda dos bons livros torne possível que o negócio editorial seja rentável. (p. 182, tradução nossa).

*Por el gusto de leer* é um dos poucos registros consistentes, mesmo que ainda deixe muita curiosidade ao leitor, da história editorial de uma mulher no ofício de editora, especialmente no campo da literatura – e não a infantil. O fato de Beatriz de Moura ser brasileira, ainda que se considere mais espanhola e tenha vivido quase toda a sua vida na Europa, nos dá um ponto de contato com essa figura tão relevante para as letras ao redor do mundo. O livro foi publicado na Espanha, em 2014, contando em seguida com uma edição argentina, em 2015, em uma coleção intitulada *Tiempo de Memoria*, que, no entanto, não oferece outros volumes de história editorial, exceto por uma obra escrita pelo mesmo Juan Cruz Ruiz. Ao longo de sua história, Tusquets Editores contou com escritórios em Buenos Aires e na Cidade do México, além de Barcelona, e desde 2016 está presente no Brasil como selo de ficção literária do grupo Planeta.

No Brasil, as mulheres editoras ainda estão por ser narradas, como já ocorreu a Maria Mazarello Rodrigues, fundadora e editora da Mazza Edições, em Belo Horizonte, desde 1981, uma pioneira na publicação de autores negros – ela também negra; e a Sonia Junqueira, ex-sócia da Formato Editorial, em Belo Horizonte, por curto período, mas editora atuante há mais de 40 anos, em diversas casas brasileiras, sendo hoje a editora de obras infantis, entre outras, do grupo Autêntica. Ambas são personagens de livros da coleção *Edição e Ofício*, produzida no curso de Letras (bacharelado em Edição) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, sob a coordenação do professor Pablo Araújo.

A trajetória de Beatriz de Moura é relevante e traz um alento aos que sentem falta de mais narrativas como esta. Quiçá se trate também de uma provocação. Em alguns momentos, ela toca nas questões relacionadas a ser mulher em um

campo tão masculino, no século XX, mas, ao que parece, pode hoje ser seguida por muitas outras profissionais que compõem o cenário da produção editorial contemporânea.

